

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 38

Data: 11.12.68

Pg.: \_\_\_\_\_

# Um paulista defende os índios e sua selva

Um paulista veterano da selva amazônica, amigo dos índios da região — e por isso mesmo seu ardente defensor — reitera a tese de que as populações nativas são de índole boa e pacífica, apesar e a despeito dos costumes — quaisquer que eles sejam — que a tribo tenha. E diz mais: tendo alma boa, eles somente chegam a extremos (matar brancos, por exemplo) quando acontece algo de absolutamente estranho.

E, nessa expressão estranha, ele, paulista veterano da selva, inclui muita coisa, mesmo aquilo que tenha como fonte muitas vezes a boa vontade. Duas de suas frases revelam a autoridade que tem para falar do assunto, e, ao mesmo tempo, indicam a reserva, o cuidado de não ferir ninguém.

Primeira frase: "Atroaris, alalaus, jauperis e carabinaris, é para quem conhece. E observe que eu estou citando o nome de ao menos duas tribos de que "eles" ignoram a existência".

Segunda frase: "Muitos pagam com a própria vida o preço do sensacionalismo".

E, já que falara em atroaris, dispôs-se a emitir uma opinião, única, a propósito da ocorrência do Igarapé Santo Antonio: "Foi coisa daquele branco que vive entre eles".

**Baby**

Esse amigo dos índios é mais conhecido em S. Paulo como Baby: Raymond de Caumont, nascido em São Paulo, filho de franceses. Aqui mesmo estudou, dedicando-se principalmente ao ramo da classificação de produtos animais e vegetais. Teve também atividade profissional em outro setor: foi camera man no Canal 5 e no Canal 7. Um dia, em 1961, partiu, pretendendo chegar à Venezuela, sem objetivo definido. No Amazonas, parou e fi-

cou, fascinado pela beleza das matas e pela fauna e satisfeito ao perceber que encontrara o campo de atividade que coincidia com a sua preferencia.

— Durante muito tempo andei pela selva. Estabeleci contato com varias tribos de índios.

E ia anotando tudo, dados sobre a flora, a fauna, as condições da região. Impressionou-o a situação precaria em que vivem índios que já entraram em contato com civilizados. E está auxiliando aqueles que vivem na ilha do Careiro, um paraná do rio Solimões: ao voltar, deverá levar remédios

e principalmente livros, cadernos e lapis de que muito estão precisando os curumins. Aceita doações para isso.

Mas, dessa peregrinação, Baby recolheu suas principais impressões:

— Quem quiser conquistar paz de espirito, serenidade, precisa passar ao menos um mês na Amazonia.

E tornou-se solidario com a mágoa, o ressentimento de muitos e muitos amazonenses que não gostam de ver sua região definida quase sistematicamente como um inferno, verde ou não.

"Paraiso verde, sim, isso a Amazonia é".

— Perigo? Não, nada disso. Na pior das hipoteses, não mais perigosa do que São Paulo, Rio, Recife ou Porto Alegre. Menos perigosa, aliás, porque por lá não existe a cronica triste dos atropelamentos, abalroamentos com vítimas, "esquadrões". Em suma: menor risco de imprevistos do que por aqui, desde que o homem sinta a selva, e viva em unissono com as maravilhas que a natureza lá coloca gratuitamente à disposição de todos.